



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM
LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

RUTE RIBEIRO CORREA

**A REFERENCIAÇÃO COMO ESTRATÉGIA ARGUMENTATIVA EM TIRINHAS
DA MAFALDA**

ABAETETUBA

2019

RUTE RIBEIRO CORREA

**A REFERENCIAÇÃO COMO ESTRATÉGIA ARGUMENTATIVA EM TIRINHAS
DA MAFALDA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Ciências da Linguagem, da Universidade Federal do Pará, como requisito para obtenção do título de Licenciada em Letras – Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Dra. Patrícia Sousa Almeida de Macedo.

ABAETETUBA

2019

RUTE RIBEIRO CORREA

**A REFERENCIAÇÃO COMO ESTRATÉGIA ARGUMENTATIVA EM TIRINHAS
DA MAFALDA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Ciências da Linguagem, da Universidade Federal do Pará, como requisito para obtenção do título de Licenciada em Letras – Língua Portuguesa.

Data de aprovação: 20/12/2019

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Patrícia Sousa Almeida de Macedo

Orientadora (UFPA)

Prof. Dr. Alessandro Nobre Galvão

Examinador interno (UFPA)

A REFERENCIAÇÃO COMO ESTRATÉGIA ARGUMENTATIVA EM TIRINHAS DA MAFALDA¹

Rute Ribeiro Correa

RESUMO: O objetivo desta pesquisa é analisar como a referenciação funciona enquanto estratégia de argumentação em tirinhas da Mafalda, do escritor argentino Quino. Para alcançar esse fim, apoiaremos na Abordagem da Argumentação no Discurso, proposta por Ruth Amossy (2018), na tese de Macedo (2018) e nos estudos sobre referenciação de Cavalcante (2012) e de Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), além de outros. O diálogo estabelecido entre a teoria retórico-discursiva de Amossy e a Linguística Textual mostrou-se profícuo, pois, na análise, pudemos verificar que a construção de referentes nas duas tirinhas selecionadas orienta a maneira de ver do alocutário, funcionando como estratégia persuasiva nesses textos.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística Textual. Argumentação no discurso. Referenciação.

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa é filiada à Linguística Textual e estabelece uma interface com a Análise (ou Abordagem) da Argumentação no Discurso, proposta por Ruth Amossy. Neste trabalho, analisaremos como a referenciação funciona enquanto estratégia argumentativa em tirinhas dos personagens Mafalda e Manolito, isto é, nosso objetivo é demonstrar como esses referentes são construídos, de modo a desvelar como a referenciação funciona enquanto estratégia argumentativa nas tirinhas.

Primeiramente, faremos uma explanação das teorias que fundamentam nossa pesquisa, iniciaremos retomando as raízes teóricas da abordagem de Amossy, ou seja, apresentaremos um pequeno histórico da argumentação retórico-discursiva que surgiu na Grécia antiga e, com o passar do tempo, os estudos evoluíram e serviram de base à Análise da Argumentação no Discurso (AAD). Logo após, apresentaremos a teoria que rege nossa pesquisa, a AAD proposta por Ruth Amossy, que concebe a argumentação como os recursos verbais utilizados por um locutor com o fim não apenas de levar o alocutário à adesão de sua tese como também de orientar a maneira de ver, de sentir e de pensar do alocutário. Optamos por nos apoiar na tese de Macedo (2018), a qual toma por base a teoria de Amossy para estudar e demonstrar como estratégias textuais expressam posicionamentos e formas de argumentatividade e como parâmetros textuais funcionam como estratégia de persuasão; também falaremos rapidamente sobre a polêmica na concepção de Amossy (2017), enquanto modalidade argumentativa, e em seguida, sobre o fenômeno textual que iremos relacionar

¹ Trabalho de Conclusão do Curso de Letras – Língua Portuguesa do Campus de Abaetetuba da UFPA, orientado pela Profa. Dra. Patrícia Sousa Almeida de Macedo.

com a AAD: a referenciação e os processos referenciais, na concepção de Cavalcante (2012) e de Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014). Em seguida, iremos expor a maneira como nossa análise será desenvolvida, isto é, explicitaremos a metodologia. Por fim, faremos a análise dos dados, expondo todo o diálogo que conseguimos estabelecer entre os dados e a teoria.

2 ARGUMENTAÇÃO RETÓRICO-DISCURSIVA

A abordagem da argumentação com a qual optamos dialogar é aquela proposta por Ruth Amossy, que diz respeito ao entrelaçamento de noções das Retóricas clássica e nova com pressupostos teóricos e instrumentos analíticos utilizados pela Análise do Discurso francesa contemporânea de viés não marxista. Antes de nos aprofundarmos na abordagem da argumentação no discurso (AAD) de Amossy, faremos uma breve discussão sobre os estudos da argumentação no âmbito das Retóricas.

Segundo Paulinelli (2014), as raízes da retórica clássica são encontradas em um siciliano chamado Coráx, no século V a.C. O surgimento ocorreu pela necessidade que qualquer cidadão tinha de defender suas teses por si mesmo, porque, naquela época, não havia profissionais para esse fim, como há hoje os profissionais da advocacia. Nesse momento, a Retórica era concebida como a arte de persuadir e se expandiu para Atenas, onde ganhou grande vivacidade a partir do desenvolvimento da *polis* grega, pois lá as decisões políticas eram tomadas com a participação da grande massa popular, com o objetivo de que os cidadãos se expressassem livremente, mas ganhava aquele que melhor defendesse sua(s) tese(s). Porém, a Retórica foi “conceitualizada, formalizada e regulamentada” (AMOSSY, 2018, p. 16) por Aristóteles. Para o filósofo, a retórica é utilizada como uma ferramenta que possui a função de persuadir, utilizando meios, isto é, recursos linguísticos capazes de causar adesão. Vale destacar que a retórica trabalha com o verossímil, pois pressupõe que, no que diz respeito ao uso das línguas naturais, não há verdades absolutas.

Na Retórica Clássica proposta por Aristóteles, há três elementos constitutivos dos quais o orador pode utilizar para chegar ao seu objetivo, isto é, persuadir. São eles: o *logos*, o *ethos* e o *pathos*. O *logos* diz respeito aos raciocínios construídos na interação; o *ethos* é a imagem que o orador constrói de si mesmo no discurso; e, por fim, o *pathos* diz respeito às emoções que o locutor tem por objetivo causar em seu auditório.

A Nova Retórica proposta por Chaim Perelman tem por objeto de análise os recursos discursivos utilizados com o objetivo de causar adesão, destacando “a técnica que utiliza a linguagem para persuadir e convencer” (PAULINELLI, 2014, p. 397). A principal

característica que as duas retóricas possuem em comum é o fato de que qualquer argumentação ocorre em função de um auditório que é definido como “o conjunto daqueles que o orador quer influenciar com sua argumentação” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 22).

Segundo Amossy (2018), a nova retórica não está limitada apenas ao domínio propriamente linguístico, pois não desenvolve estudos apenas sobre os processos linguísticos. Também estuda elementos essenciais à análise do discurso como o papel do auditório, a função das premissas e pontos de acordo em trocas argumentativas e os lugares que marcam a argumentação. Como bem podemos observar, atualmente, a nova retórica é uma rica fonte de pesquisa para linguistas e analistas do discurso.

2.1 A Abordagem (ou Análise) da Argumentação no Discurso

Segundo Macedo (2018), a análise da argumentação no discurso (AAD) diz respeito à relação estabelecida entre as retóricas (clássica e nova) e a Análise do Discurso. Tal abordagem desenvolve estudos sobre a argumentação, considerando-a como constitutiva do funcionamento discursivo, pois ela aparece como resultado do dialogismo intrínseco ao discurso, isto é, todo enunciado é uma resposta a outro já dito; além do princípio dialógico, há outros dois: o enunciativo e o pragmático, advindos da linguística do discurso, concebem a linguagem como meio “de influência e de ação de um locutor sobre um alocutário” (MACEDO, 2018, p. 42). Para Amossy (2018, p. 47), argumentação diz respeito aos:

[...] meios verbais que uma instância de locução utiliza para agir sobre seus alocutários, tentando fazê-los aderir a uma tese, modificar ou reforçar as representações e as opiniões que ela lhes oferece, ou simplesmente orientar suas maneiras de ver, ou de suscitar um questionamento sobre um dado problema (AMOSSY, 2018, p. 47).

Esta abordagem também estuda como ocorre a argumentação no interdiscurso e a relação entre *logos*, *ethos* e *pathos*. Nessa perspectiva, a argumentação é constitutiva das atividades sociodiscursivas e, na materialidade dos discursos, ou seja, nos textos, são expressas diversas formas de argumentatividade.

Essas formas de argumentatividade são expressas de acordo com a finalidade dos discursos. Segundo Macedo (2018), todo e qualquer discurso tem por finalidade última orientar os modos de ver, sentir e pensar dos interlocutores, no entanto, nem todo discurso tem por objetivo final causar adesão de uma tese. Assim sendo, é possível distinguir discursos que apresentam visada argumentativa de outros que apresentam dimensão argumentativa; na

visada argumentativa, os textos têm como objetivo persuadir, isto é, leva os interlocutores à adesão de teses ou opiniões; enquanto, na dimensão argumentativa, o objetivo é orientar a maneira de ver dos interlocutores.

Para Ruth Amossy (2018), a análise da argumentação no discurso é um ramo da análise do discurso e possui as seguintes características:

1. ela é **linguageira**, pois não está limitada à lógica de processos mentais. Utiliza de recursos linguísticos, isto é, recursos lexicais, enunciativos, entre outros;
2. é **comunicacional**, já que está vinculada a uma situação comunicativa e seu funcionamento não pode ser desvinculado do ato comunicacional;
3. é **dialógica**, pois sempre faz parte de uma situação em que ocorre diálogo entre parceiros, entre locutor e auditório. Nesta, ocorre confronto de pontos de vista, ainda que não seja polêmico;
4. é **genérica**, pois a argumentação sempre se enquadra em um tipo e em um gênero do discurso; e é a relação entre gênero e sociedade que determina os papéis, os quadros de enunciação e as finalidades das interações;
5. é **figural**, pois faz uso de figuras de estilo para causar impacto no alocutário;
6. e, por fim, é **textual**, por considerar texto como um todo formado por enunciados de forma coerente; os estudos argumentativos devem analisar a construção textual.

Na tese de Macedo (2018), encontramos uma proposta de estudo da argumentação no discurso com base em critérios de textualidade. A proposta é analisar fenômenos textuais pelo viés da argumentação retórico-discursiva, buscando refletir e demonstrar como estratégias textuais são utilizadas para expressar posicionamentos e diversas formas de argumentatividade discursiva relacionadas a questões polêmicas e, também, como parâmetros textuais funcionam como estratégias de persuasão. Na esteira desse trabalho, abordaremos a polêmica e, em seguida, o parâmetro de textualidade que será trabalhado em nossa análise: a referenciação.

2.2 A Polêmica

Segundo Amossy (2017), a polêmica é vista, pelo senso comum, como um discurso excessivo, violento e apaixonado, e consiste em confrontar ideias com o objetivo de desacreditar o outro. Porém, apesar de não ser vista com bons olhos, é algo que ocorre frequentemente e, apesar de receber duras críticas, continua a se desenvolver.

Muita condenada por grande massa da sociedade, a polêmica não deixa de continuar a aparecer fervorosamente na mídia. Todos os dias, são trazidas à tona, em canais midiáticos,

questões, reportagens, documentários, séries, debates sobre assuntos polêmicos. Isso significa que “o fato de ser censurado não impede em nada a propagação do fenômeno” (AMOSSY, 2017, p. 02). O fato de ela receber críticas, mas continuar a subsistir, tornou necessário desenvolver estudos sobre a polêmica, para conhecer quais funções sociais e políticas ela preenche, pois “se um fenômeno verbal subsiste ao longo dos anos apesar das inúmeras críticas que desperta, é porque preenche determinadas funções, nem sempre visíveis, mas não menos necessárias” (AMOSSY, 2017, p. 03).

A polêmica consiste, de acordo com Amossy (2017), no confronto de ideias inconciliáveis, que se expressa no choque de opiniões de forma brutal. Diferentemente do que preveem as retóricas clássica e nova, a polêmica não busca levar a um consenso de forma “civilizada”, pois acaba destacando fortemente as diferenças, distanciando-se de uma solução viável para ambas as partes, ou seja, sua natureza é o dissenso. A principal característica do discurso polêmico é o confronto de teses dicotômicas, portanto, essa é a condição para que um discurso seja classificado como polêmico, pois é necessário que as teses sejam apresentadas de forma mutuamente excludente.

Nas palavras de Amossy (2017, p. 233):

Discurso dialógico que se apresenta sob a forma de anti-discurso, a polêmica se caracteriza pela dicotomização, pela polarização, e pelo descrédito à tese ou à pessoa do outro. Ela pode (mas não deve) ser acompanhada de paixão. A hostilidade entre grupos antagonistas se presta a isso, mas o tratamento emocional não é obrigatório e em caso algum, suficiente para definir a polêmica como tal. O mesmo acontece com a violência verbal. O confronto antagonista de posições apela muitas vezes – mas não necessariamente – para a violência verbal. Existem enquadres institucionais em que tal violência não é admissível, e em que a polêmica a dispensa; existem estratégias fortemente polêmicas que evitam usar de violência verbal, sobretudo em suas formas insultantes (AMOSSY, 2017, p. 233).

Algumas discussões polêmicas não utilizam de violência verbal no discurso. É importante destacar que o insulto não é característica intrínseca da polêmica, já que não ocorre (por não ser necessário ou por ser evitado) em todos os discursos polêmicos.

Amossy (2017) defende que a polêmica faz parte do domínio da argumentação, pois esta pode se expressar de diversas maneiras, que a autora dispõe em um *continuum* de modalidades argumentativas no centro do qual está o debate racional de teses divergentes e, nas extremidades, encontram-se a modalidade polêmica de um lado e os discursos que comportam somente a expressão de um ponto de vista do outro. Portanto, “o polêmico (utilizo este termo em seu sentido genérico, do mesmo modo que diz ‘o político’) se situa num dos polos deste continuum” (AMOSSY, 2017, p. 233).

3 A REFERENCIAÇÃO

O fenômeno textual que vamos analisar e relacionar com a argumentação retórico-discursiva é a referenciação. Esse fenômeno possui relação com dois elementos muito importantes para os estudos da Linguística Textual: texto e coerência. Segundo Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), historicamente, os estudos sobre a referenciação dentro do evento texto ganharam destaque a partir das questões sobre coesão. Nas ideias de Halliday e Hasan, para tornar um texto “amarradinho”, estabelecendo ligações entre suas partes, uma das maneiras é a “retomada de elementos textuais por meio de expressões nominais (expressões textuais)” (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014, p. 25).

Com o passar do tempo, os estudos sobre referenciação avançaram e ficou nítido que eles não podiam ficar limitados apenas aos estudos das ligações entre partes de um texto. Mondada e Dubois (2003, p. 20) a definem da seguinte forma:

Passando da referência à referenciação, vamos questionar os processos de discretização e de estabilização. Esta abordagem implica uma visão dinâmica que leva em conta não somente o sujeito ‘encarnado’, mas ainda um sujeito sociocognitivo mediante uma relação indireta entre os discursos e o mundo. Este sujeito constrói o mundo ao curso do cumprimento de suas atividades sociais e o torna estável graças às categorias – notadamente às categorias manifestadas no discurso. Isto significa que, no lugar de fundamentar implicitamente uma semântica linguística sobre as entidades cognitivas abstratas, ou sobre os objetos *a priori* do mundo, nós nos propomos reintroduzir explicitamente uma pluralidade de atores situados que discretizam a língua e o mundo e dão sentido a eles, constituindo individualmente e socialmente as entidades (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 20).

A referenciação consiste na construção de referentes que, na maioria dos casos, são categorizados por meio de expressões referenciais. Então, dois elementos são essenciais nos estudos sobre referenciação: o **referente**, que diz respeito a “um objeto, uma entidade, uma representação construída a partir do texto” (CAVALCANTE, 2012, p. 98) e que também é chamado de **objeto do discurso**; e a **expressão referencial**, que é a organização linguística usada para expressar de maneira formal a representação de um referente na faceta do texto. Segundo Cavalcante (2012, p. 101), nem todo referente é expresso por meio de expressão referencial:

para haver um referente, não é necessário que haja um conjunto de expressões referenciais que a ele remetam; uma única expressão já é suficiente para que o referente se reconfigure, e é possível que nem haja expressão referencial alguma para que a entidade se forme na mente dos interlocutores (CAVALCANTE, 2012, p. 101).

Observe o texto a seguir:

Inimigos

O apelido de Maria Teresa, para Norberto, era “Quequinha”. Depois do casamento, sempre que queria contar para os outros uma de sua mulher, o Norberto pegava sua mão, carinhosamente, e começava:

- Pois a Quequinha...

E a Quequinha, dengosa, protestava:

- Ora, Beto!

Com o passar do tempo, o Norberto deixou de chamar a Maria Teresa de Quequinha; se ela estivesse ao seu lado e ele quisesse se referir a ela, dizia:

- A mulher aqui...

Ou, às vezes:

- Esta mulherzinha...

Mas nunca mais de Quequinha.

(O tempo, o tempo. O amor tem mil inimigos, mas o pior deles é o tempo. O tempo ataca em silêncio. O tempo usa armas químicas.) com o tempo, Norberto passou a tratar a mulher por “Ela”.

- Ela odeia Charles Bronson.

- Ah, não gosto mesmo.

Deve-se dizer que o Norberto, a esta altura, embora a chamasse de Ela, ainda usava um vago gesto da mão para indicá-la. Pior foi quando passou a dizer “essa aí” e apontar com o queixo.

- Essa aí...

E apontava com o queixo, até curvando com a boca com um certo desdém.

(O tempo, o tempo. O tempo captura o amor e não mata na hora. Vai tirando uma asa, depois a outra...)

Hoje quando quer contar alguma coisa da mulher, o Norberto nem olha na sua direção. Faz um meneio de lado com a cabeça e diz:

- Aquilo...

(VERÍSSIMO, 1996, p. 70-71).

No texto acima, os principais referentes são: Maria Teresa e seu esposo Norberto. Como percebemos, eles são elementos que aparecem várias vezes no texto. A cada vez que Maria Teresa é retomada, também é renomeada, isto é, ela é referida por formas linguísticas diferentes, que consistem em expressões referenciais: “Quequinha”, “a mulher aqui”, “esta mulherzinha”, “ela”, “essa aí” e “aquilo”. Norberto, por outro lado, apesar de ser retomado várias vezes, não é renomeado. O fato de ser renomeada a cada vez que Maria Teresa é retomada contribui para que o texto progrida, imprime modificações nesse referente e orienta argumentativamente o texto, revelando os posicionamentos do locutor. No caso desse texto de Veríssimo, a associação que o autor faz entre as mudanças no modo de Norberto referir-se à esposa e a passagem do tempo reforça a ideia socialmente admitida de que as relações conjugais se desgastam com o tempo e de que as mulheres são as principais “vítimas” desse acontecimento padronizado.

Segundo Cavalcante (2012), o fenômeno chamado referenciação possui três características que destacaremos a seguir. A primeira diz respeito ao fato de que a referenciação é uma (re)elaboração da realidade, pois a função dos recursos linguísticos não é representar uma realidade estática. É necessário compreender que as coisas ou objetos do mundo não são referidos nos textos de forma definitiva ou imutável, pois a maneira como são

expressos depende das necessidades de cada situação de comunicação, depende dos objetivos dos interlocutores.

A segunda característica diz respeito ao fato de que a referenciação resulta de uma negociação entre interlocutores. Isso quer dizer que, em uma troca interativa, as ideias não são processadas individualmente, ou seja, sem interferência do outro, pois depende de como cada participante da situação compreende a ação do outro; e essa compreensão ocorre de acordo com os conhecimentos de mundo, linguísticos e interacionais de cada indivíduo.

E, por fim, a última característica consiste na ideia de que a referenciação é um processo de natureza sociocognitiva. Segundo Cavalcante (2012, p. 112), “a atividade referencial é cognitiva, pois a interação linguística só ocorre porque os sujeitos são capazes de processar os textos que produzem e compreendem”, mas esse processamento não é atrelado apenas aos processos mentais, pois os conhecimentos e mecanismos que tornam possível o processamento são produzidos por ocasião das experiências sociais de cada sujeito; por isso, esse princípio é chamado sociocognitivo.

A partir dessas três características, Cavalcante (2012, p. 113) apresenta uma definição para referenciação:

O processo de referenciação pode ser entendido como o conjunto de operações dinâmicas, **sociocognitivamente modificadas**, efetuadas pelos sujeitos à medida que o discurso se desenvolve, com o intuito de **elaborar as experiências vividas e percebidas**, a partir da **construção compartilhada** dos objetos de discurso que garantirão a construção de sentido(s) (CAVALCANTE, 2012, p. 113).

3.1 Processos referenciais

Cavalcante (2012) apresenta três processos referenciais, destacaremos cada um. O primeiro é a **introdução referencial**, que consiste no aparecimento, pela primeira vez, de um elemento no texto, sem que ele tenha sido mencionado ou suscitado por outro elemento anteriormente. O segundo diz respeito às **anáforas**, que consistem em retomar um referente já introduzido, utilizando para isso expressões referenciais. As anáforas são classificadas em três tipos: as expressões que retomam elementos já introduzidos no texto são chamadas de **anáforas diretas** ou **correferenciais**; há expressões que remetem a elementos aparentemente “novos”, mas que, na verdade, retomam elementos que podem ser inferidos sociocognitivamente, a partir de ideias já expressas no texto – estas anáforas são chamadas de **indiretas**; por último, uma expressão referencial pode resumir um conteúdo de uma porção do texto, quando isso acontecer, chama-se **anáfora encapsuladora**.

O terceiro processo referencial é conhecido como **dêixis**. Neste, pode ocorrer tanto a introdução de referentes como a retomada, mas o que o define é “sua capacidade de criar um

vínculo entre o contexto e a situação enunciativa em que se encontram os participantes da comunicação” (CAVALCANTE, CUSTÓDIO FILHO, BRITO, 2014, p. 85). Cavalcante (2012) classifica as expressões dêiticas em três tipos:

- **Dêixis pessoal:** são expressões que remetem àqueles que participam do ato comunicativo, ou seja, às pessoas do discurso (eu, tu/ você);
- **Dêixis espacial:** se refere a informações de lugar, isto é, de proximidade/distância do locutor a um referente, tem como referência o local no qual ocorre a enunciação;
- **Dêixis temporal:** identifica fatos no tempo do enunciador, ou seja, o momento da enunciação é utilizado como ponto de referência.

Além dessa classificação, Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014) apresentam outros três tipos:

- **Dêixis social:** são expressões que, assim como a dêixis pessoal, remetem aos interlocutores, mas as formas languageiras que as codificam refletem regras de tratamento interpessoal, em diferentes níveis de formalidade, definidas socialmente;
- **Dêixis textual:** diz respeito às coordenadas do contexto (o espaço da materialidade do texto), considerado linear pelo locutor, que orienta a compreensão das coordenadas dêiticas na medida em que vai enunciando no espaço/tempo da superfície textual;
- **Dêixis de memória:** nas palavras de Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014, p. 96), “o referente evocado é tão evidente para o enunciador que é como se já tivesse sido mencionado no contexto. O destinatário tem a impressão de que a informação lhe é imediatamente acessível, não obstante se tratar de um processo referencial *in absentia*”; isto é, o locutor convoca seu interlocutor a procurar, na memória discursiva forjada pelo próprio texto, o(s) referente(s) que supõe ser(em) compartilhado(s).

A partir dos pressupostos da análise da argumentação no discurso apresentados e da apresentação do parâmetro textual que será utilizado na análise dos dados desta pesquisa, na próxima sessão explicitaremos a metodologia adotada nesta pesquisa.

4 METODOLOGIA

Esta pesquisa é de natureza básica, pois esse tipo de pesquisa, segundo Prodanov e Freitas (2013), busca gerar novos conhecimentos úteis às ciências da linguagem. Quanto aos objetivos, é uma pesquisa explicativa, pois procuramos explicar como a referenciação funciona enquanto estratégia argumentativa em tirinhas da Mafalda. A pesquisa é qualitativa, pois não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas; utiliza do método hipotético-

dedutivo, pois originou-se a partir de observações de possibilidades de investigações científicas. Optamos por analisar tirinhas dos personagens Mafalda e Manolito coletadas em páginas do Facebook, ou seja, o *corpus* da pesquisa está inserido dentro do contexto midiático. Uma vez levantado o arcabouço teórico, que diz respeito a pressupostos da Linguística Textual em uma interface com a AAD, estabeleceremos diálogo com os dados para demonstrar como a referenciação funciona enquanto estratégia argumentativa nas tirinhas da Mafalda.

5 ANÁLISE DOS DADOS

A tirinha abaixo foi publicada em uma página do Facebook denominada “Tirinhas da Mafalda”.² Observaremos como a construção dos referentes contribui para a progressão e para a orientação argumentativa do texto, revelando as características dos personagens.

Figura 1 – Mafalda



Fon
te:
ww
w.fa
cebo
ok.c
om/t
irin
asda
maf
alda

No início da tirinha, percebemos, através das expressões faciais dos personagens, que a mãe de Mafalda está assustada pelo fato de a filha estar recusando um doce e que Manolito parece triste pelo mesmo motivo. No segundo quadrinho, vemos que a mãe de Mafalda interfere, pedindo que a filha aceite o doce que ela supõe estar sendo oferecido gratuitamente por Manolito, ao que ele, no mesmo instante, parece se alegrar com essa interferência. Em seguida, Mafalda fica entusiasmada por aceitar o caramelo, em consequência do conselho da mãe. No último quadrinho, ocorre a recategorização do referente Manolito, por meio de recursos tanto imagético (Manolito está fazendo anotação em um caderno) como verbal (Mafalda diz à mãe que “no fim do mês”, ela deverá “entender-se” com Manolito). Deduzimos, com base nos conhecimentos de mundo arquivados em nossa memória, que Manolito está anotando a dívida contraída pelo aceite do doce e que essa dívida será cobrada no fim do mês (o início ou o fim do mês é o momento em que as pessoas de classe social

² Disponível no site www.facebook.com/tirinhasdamafalda

popular recebem seus salários e pagam suas contas). A construção desse referente na tirinha orienta nosso modo de ver a realidade, elaborando a imagem de que Manolito é um garoto de espírito mercantilista, que aproveita para lucrar financeiramente até mesmo em um gesto simples de oferecer um doce, que deveria ser gratuito, considerando a relação de amizade entre ele e Mafalda. Em última análise, podemos dizer que se trata de uma crítica ao sistema capitalista, cuja lógica se faz presente no nosso cotidiano.

A próxima tirinha também foi encontrada na mesma página do Facebook denominada “Tirinhas da Mafalda”.

Figura 2 – Mafalda



Font
e:
<http://www.facebook.com/tirinhasdamafalda>

Mafalda é uma menina questionadora, essa característica é possível de ser identificada já nos primeiros quadrinhos dessa segunda tira, pois ela pergunta se Manolito não frequentará as etapas escolares iniciais. A partir do segundo quadrinho, através da expressão facial de Mafalda e da insistência no questionamento feito a partir do primeiro quadro, vemos que ela já fica intrigada, o que se acentua no terceiro, quando ela fica indignada com o fato de Manolito considerar como progresso só o que está relacionado ao comércio. Mafalda, por um lado, é caracterizada como uma garota intelectual e revolucionária por relacionar progresso a viagens espaciais, enquanto Manolito, por outro, é categorizado como sovina, pois só pretende frequentar a escola com a finalidade de conseguir mais lucros para o armazém de seu pai. Ao final, Mafalda fica sem reação ao ver a loucura do garoto por planejar o absurdo visando mais lucros.

Nesta tirinha, os referentes são Mafalda, Manolito, jardim de infância, armazém (do pai do garoto), 1º grau, matemática, viagens espaciais, o cosmos, filiais (que Manolito pretende abrir). No primeiro quadrinho, os referentes Mafalda, Manolito, jardim de infância e o armazém do pai do garoto são introduzidos. No segundo quadrinho, Manolito é retomado por uma dêixis pessoal; no terceiro quadrinho, ele é retomado novamente por dêixis pessoal, pois o pronome “teu” usado por Mafalda, aponta para a 2ª pessoa “tu”, e o pronome “me” aponta a primeira pessoa do singular “eu”. No último quadrinho, fica marcada a característica mercantilista do referente Manolito, pois ele pensa no absurdo visando lucratividade.

De acordo com a Análise da Argumentação no Discurso, a argumentação é inerente ao funcionamento discursivo, e segundo Amossy (2018), ela pode consistir tanto em tentar levar o outro à adesão de uma tese como apenas na tentativa de orientar as maneiras de ver, de pensar e de sentir dos interlocutores. Assim sendo, identificamos que o *corpus* desta pesquisa está dentro de uma dimensão argumentativa, pois percebemos que a maneira como os referentes são construídos ao longo das tirinhas tem por objetivo orientar o modo de ver um assunto polêmico, que atualmente polariza a sociedade brasileira, relacionado à divisão política partidária e econômica entre esquerda e direita, de modo que os textos em tela perspectivizam Mafalda (personagem principal das tiras de Quino) como a garotinha revolucionária e Manolito como o menino de espírito mercantilista e, assim, revelam um posicionamento contrário à lógica capitalista que permeia as relações humanas.

CONCLUSÃO

A escolha do gênero tirinha para analisar como a referência funciona enquanto parâmetro argumentativo se mostrou profícuo, pois conseguimos mostrar que há uma dimensão argumentativa nas tirinhas dos personagens Mafalda e Manolito, de acordo com as concepções teóricas da Abordagem da Argumentação no Discurso, proposta por Amossy (2018). Vimos como os referentes são construídos ao longo das tiras com o objetivo de orientar a maneira de ver do alocutário, esse é um dos objetivos da argumentação, segundo Amossy (2018).

Esta pesquisa deixa lacunas que esperamos que possam ser preenchidas em breve. Uma delas é a possibilidade de pesquisar como a referência funciona enquanto estratégia textual em outras tirinhas, de outros personagens e autores e que abordem outros temas (polêmicos ou não), ou em textos de outros gêneros midiáticos, com o objetivo de persuadir.

REFERÊNCIAS

AMOSSY, Ruth. Argumentação e análise do discurso: perspectivas teóricas e recortes disciplinares. Trad. Eduardo Lopes Piris e Moisés Olímpio Ferreira. **EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n.1, p. 129-144, nov. 2011. Disponível em: <http://periodicos.uesc.br/index.php/eidea/article/view/389>. Acesso em: 19 set. 2019.

AMOSSY, Ruth. **A argumentação no discurso**. São Paulo: Contexto, 2018.

AMOSSY, Ruth. Por uma análise discursiva e argumentativa da polêmica. **EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n.13, jan/jun. 2017. DOI: <https://doi.org/10.17648/eidea-13-1526>. Acesso em: 19 set. 2019.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. Abordagens da argumentação nos estudos de Linguística Textual. **ReVEL**, edição especial vol. 14, n. 12, 2016. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/ea45a0fb01f8dde37a9435628505a55d.pdf>. Acesso em: 19 set. 2019.

CAVALCANTE, Mônica; CUSTÓDIO FILHO, Valdinar; BRITO, Angélica Paiva. **Coerência, referência e ensino**. São Paulo: Cortez, 2014.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2012.

MACEDO, Patrícia Sousa Almeida de. **Análise da argumentação no discurso: uma perspectiva textual**. 2018. 242f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Daniele. Construção de objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referência. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; Bernadete Biasi; CIULLA, Alena (Orgs.). **Referência**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-52.

PAULINELLI, Maysa de Pádua Teixeira. Retórica, argumentação e discurso em retrospectiva. **Linguagem em (Dis)curso – LemD**, Tubarão, SC, v. 14, n. 2, p. 391-409, maio/ago. 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-4017-140210-3213>. Acesso em: 19 set 2019.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado da argumentação: a Nova Retórica**. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani César. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

VERISSIMO, Luís Fernando. **Novas comédias da vida privada**. Porto Alegre: L&PM, 1996, p. 70-71.